

Kilza Setti, a indagadeira: performance com crianças com deficiência

Comunicação

Denise Andrade de Freitas Martins
Universidade do Estado de Minas Gerais
deniseafmartins@outlook.com

Resumo: Em busca de compartilhar uma experiência de pesquisa em interface com a extensão, realizada com crianças com deficiência, é que apresentamos o presente texto. Os objetivos da pesquisa foram investigar os processos educativos e o vínculo materno-infantil dessas crianças, decorrentes da realização de práticas artísticas e musicais com ênfase à música da compositora brasileira Kilza Setti. A metodologia constou de dois momentos: metodologia de intervenção e metodologia de pesquisa (em andamento). As intervenções, com base na pedagogia dialógica e transformadora do educador brasileiro Paulo Freire, se pautaram na potencialidade das crianças e não em suas limitações. Os resultados parciais mostraram que crianças com deficiência são potentes e capazes de interagir, aprender, cantar, recriar histórias, encenar personagens, brincar, dançar, movimentar-se, orientar-se. Na relação professor-aluno, o processo cuidar/educar mostrou-se muito interligado e dependente, o cuidar sobrepôs o educar. Nossa aposta é no processo de formação de professores/as, justamente porque crianças com deficiência também fazem arte!

Palavras-chave: crianças com deficiência, performance, Kilza Setti.

Desde o ano de 2009 trabalhamos com crianças e jovens com deficiência regularmente matriculadas na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais, Brasil.

As atividades realizadas envolveram principalmente práticas artísticas e musicais (música, teatro e literatura), com ênfase à cultura brasileira. Participaram das atividades professoras e estudantes de três instituições de ensino: a universidade, a APAE e a escola de música. Trata-se de um trabalho de pesquisa em uma atividade de extensão universitária, com os objetivos de investigar os processos educativos decorrentes das práticas realizadas, e, em 2023, também nos propusemos a investigar como se dava o vínculo materno infantil.

A metodologia de intervenção baseou-se na pedagogia dialógica do educador brasileiro Paulo Freire (2005), lugar onde ninguém ensina ninguém, mas juntos aprendem uns com os outros. O referencial teórico se sustentou principalmente nos conceitos de práticas sociais e processos educativos, práticas artísticas e musicais, educação para crianças com deficiência e vínculo materno-infantil. As atividades aconteceram no período de março de 2023 a fevereiro de 2024, por meio de encontros semanais e visitas de apresentação.

Como se trata de um trabalho que envolve diferentes pessoas e instituições de ensino, entendemos que grupos como esse são uma comunidade, no sentido de que a participação nas atividades realizadas se fundamenta na vontade e liberdade de escolha de cada pessoa envolvida, as quais, juntas, planejaram e criaram/construíram, pouco a pouco, uma performance envolvendo música, teatro literatura, com ênfase aos autores/as brasileiros/as.

Trata-se, portanto, de uma prática social, entendida como pessoas ou grupo de pessoas com interesses, vontades e objetivos comuns. Em grupos como esses não há subordinação, mas cooperação entre as pessoas, as quais têm liberdade de entrar e sair a qualquer momento (Oliveira et al., 2014).

Práticas sociais podem existir fora ou dentro de escolas, já que as pessoas “se agrupam por diferentes razões, afinam-se nas temáticas trabalhadas, constroem conjuntamente quando se colocam criticamente diante das situações vivenciadas”. (Martins, 2018, p. 127).

De todo modo, práticas sociais demandam liberdade para escolher e decidir, com o devido e necessário rigor, lugar onde não cabe a licenciosidade sem limites. Responsabilidade e compromisso com o que se faz e com quem se faz são premissas básicas. Em toda ação/construção colaborativa, tudo o que se realiza é com base no diálogo, respeito e ajuda mútua, em comunhão, *sendo uns com os outros*, segundo Freire (2005).

No entanto, toda ação humana é permeada de conflitos (culturais e sociais), os quais precisam ser negociados. Como construções conjuntas, cujas diferenças e pertencimentos identitários são resguardados, práticas sociais não promovem uma educação de mão única, ao

contrário, dão lugar a uma multiplicidade de conhecimentos em permanente construção, mutáveis e dinâmicos pela própria diversidade cultural de seus sujeitos (Candau, 2008).

Vale destacar que ao longo de todo o trabalho realizado, compartilhamos do entendimento de que primeiramente se educa a criança e não a criança com deficiência, o que faz com que aflorem outros potenciais, excluindo a ideia de que a deficiência limita a criança como um todo. A criança não fica à mercê de suas limitações, e sim estimulada a aprender e se desenvolver em outros âmbitos (Vygotsky apud Ivic, 2010).

Ainda, para Vygotsky, citado por Pinto e Góes (2006), o desenvolvimento é concebido como processo cultural, se origina e se transforma por meio das relações sociais. Para uma criança com deficiência, o que delimita quem ela será e como se desenvolverá está relacionado não com a sua deficiência em si, mas com as consequências sociais e realização psicossocial.

A arte - a música, o teatro, os jogos e brincadeiras, dentre outros -, é de extrema importância na vida de uma criança, justamente porque têm a capacidade de potencializar o jogo do faz de conta no imaginário infantil. As crianças, que se diferenciam entre si, devido aos contextos nos quais vivem, as suas histórias e os lugares que ocupam, também se mostram diferentes em relação ao contato com a arte e a música.

É necessário que as crianças tenham contato com a arte, com a música. Para Maffioletti e Schünemann (2011), o contato das crianças com a música potencializa que elas, as crianças, tomem lugares como atores sociais, já que não é possível que a criança seja vista isolada de suas manifestações, pois ela faz parte de uma estrutura social.

Para que ocorram aprendizagens é preciso favorecer a estimulação de áreas cerebrais, por meio de atividades que possuam sons, movimentos, imagens. Independente do diagnóstico que o aluno/a possui ou da dificuldade apresentada, todos podem se beneficiar de atividades lúdicas contextualizadas. Este tipo de atividade pode despertar sentimentos que são capazes de provocar a produção e interação de hormônios (Glat e Blanco, 2007).

A música, assim como qualquer outra forma de expressão artística, pode ser atividade essencial na educação de pessoas com deficiência, especificadamente de crianças em processo

de formação. A música, em especial, presente no dia a dia das pessoas, contribui consideravelmente para o desenvolvimento cognitivo, além de estimular a associação de inúmeras funções psicossociais, como a comunicação e o desenvolvimento da linguagem compreensiva e expressiva (Pederiva e Tristão, 2006).

Trabalhar com crianças com deficiência no processo de construção-reconstrução de performance é trabalhar a partir das potencialidades e não limitações, é ampliar as oportunidades de acesso às artes, é ocupar espaço social de importância e visibilidade, é acreditar e esperar que crianças com deficiência também fazem arte.

Metodologias de intervenção e pesquisa

De natureza qualitativa e inspiração fenomenológica, constaram dessa pesquisa dois momentos: metodologia de intervenção e metodologia de pesquisa (em andamento). Os encontros aconteceram semanalmente das 13 às 15 horas na sede da APAE, além de visitas de apresentação, as quais foram realizadas na APAE, mas também na escola de música, em uma escola de educação básica e na universidade. Todos esses encontros foram descritos rigorosamente em diários de campo (com posterior análise), principal instrumento de coleta de dados, além de fotografias, arquivos audiovisuais e entrevistas abertas aplicadas à professora e à coordenadora pedagógica da APAE e às mães das crianças com deficiência e/ou pessoas responsáveis.

Para Bogdan e Biklen (1994, p.150), os diários de campo são um recurso metodológico básico e de extrema importância nesta modalidade de pesquisa, compreendidos como “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

As entrevistas aplicadas às mães e/ou pessoas responsáveis pelas crianças e à professora e à coordenadora da APAE são conhecidas como abertas ou semiestruturadas. Para Negrine (1999), esse tipo de entrevista é menos formal e oferece maior liberdade tanto

para o entrevistador quanto para o entrevistado, possibilitando uma modificação na sequência das perguntas e podendo criar direcionamentos de fala.

A análise, ideográfica e nomotética, encontra-se em andamento, e consta da identificação das unidades de significado (US); redução fenomenológica; organização das categorias; construção da matriz nomotética; construção dos resultados (Gonçalves Junior, 2008). Para Machado (1994, p.41), esse tipo de análise contribui com pesquisas de natureza qualitativa, por possibilitar que o tema seja circundado, em busca de compreender o fenômeno e não explicá-lo.

Na metodologia de intervenção desenvolvemos uma proposta baseada principalmente na pedagogia libertadora de Paulo Freire (1967, 2005), com base no diálogo e a partir das experiências e compreensões das pessoas envolvidas. Dessa metodologia constaram três momentos, equiprimordiais e inter-relacionados, que são: *Investigação temática*: negociação da intervenção com a escola sede e escola parceira, realização de roda de conversa com a comunidade participante (levantamento de gostos musicais, necessidades e preferências, vontades e expectativas); *Tematização*: apresentação dos dados resultantes da roda de conversa, escolha e decisão de repertório musical e literário, apresentação do cronograma de atividades das instituições - proponente (universidade), sede/interveniada (APAE) e parceira (escola de música), elaboração de arranjos musicais e roteiros; e *Problematização*: processo de construção-reconstrução do dia a dia das atividades pensadas e planejadas ao longo dos encontros – criação de performance -, além de visitas de apresentação e participação em concertos e oficinas.

Em cumprimento aos preceitos éticos de pesquisa, todos os participantes foram convidados a colaborar com o estudo após autorização em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Assentimento e Termo de Anuência, em data e local previamente escolhidos e determinados, com posterior arquivamento.

Desenvolvimento das atividades

O material musical e literário usado na metodologia de intervenção foi prioritariamente a vida e obra (peças para piano) da compositora, antropóloga e jornalista brasileira Kilza Setti, nascida em São Paulo, Brasil, hoje com 92 anos de idade e em plena atividade profissional.

Em entrevista concedida à autora desse trabalho, Kilza Setti (2022) disse ser uma “entusiasta da cultura brasileira” e muito do que escreveu foi com base nos temas recolhidos por Mário de Andrade, pesquisador e musicólogo brasileiro. A música de Kilza, inspirada (principalmente) na cultura do povo brasileiro, apresenta ritmos e melodias indígenas, africanas e portuguesas, expressos nos mais diferentes títulos e gêneros, dentre: lundu, baião, valsa, catira, mazurca.

Se Gonçalves Júnior (2009) assevera que a cultura africana é relegada principalmente pela dominação instrumental-técnica europeia imposta desde o século XIV aos colonizados, tidos como culturalmente inferiores, é de suma importância trabalhar na educação com repertório musical de matriz africana, em busca de reconhecer e valorizar as diferentes culturas.

Tatit e Loureiro (2014, p. 9) compreendem que ao se trabalhar com música de matriz indígena e africana, grupos étnico-raciais historicamente marginalizados, estamos contribuindo com uma maior compreensão e respeito em relação às diferenças em um país cuja história revela uma identidade cultural marcada pela miscigenação.

Assim sendo, a inspiração para o trabalho de construção-reconstrução de performance foram as peças *Canção de Erê*, *Catira* e *Valsinha Beija Flor*, de Kilza Setti, e o conto *Kilza Setti, a indagadeira* de Cristina Agostinho (2023), que deu, inclusive, nome à performance construída ao longo dos encontros. As atividades com as crianças com deficiência foram realizadas tanto em sala de aula, como no pátio da APAE, no auditório da escola de música e em uma escola de educação básica.

Tudo aconteceu de forma lúdica e com base na motricidade, dentre atividades de percussão corporal, sapateado, palmeado e experimentação instrumental (xilofones, clavos,

caxixis e pau de chuva). As crianças mostraram-se potentes na experimentação e uso dos instrumentos musicais, ultrapassando a ideia de que instrumentos são brinquedos. Em relação à encenação, as crianças participaram ativamente, mostrando-se interessadas em aprender as movimentações, gestos, coreografia e danças propostas.

As crianças aprenderam melodias e ritmos de relativa complexidade, como a Catira, batendo pés e palmas alternadamente; ajudaram umas às outras na experimentação e manuseio dos instrumentos, quando uma criança se ausentava outra a substituíam na instrumentação musical, sem prejuízo da performance em construção; reproduziam as melodias em forma de vocalizes e assovios.

Muitos foram os aprendizados, mas também as dificuldades. Ao longo dos encontros, no que se refere à relação professor-aluno, foi possível observar no processo cuidar/educar a prevalência do cuidar em detrimento do educar, justamente pelas próprias particularidades das deficiências apresentadas pelos alunos/as participantes do projeto. A relação cuidar/educar encontra-se ainda muito interligada e dependente. E, a ideia de limitação (ainda) impera sobre as oportunidades; alguns podem, mas outros não. Merecida atenção carece ser dada ao processo de formação de professores.

Figura I: O dia a dia dos encontros na APAE



Fonte: Acervo de pesquisa de XXX, X. X. X. (2023).

Figura II: Apresentação da performance *Kilza Setti, a indagaadeira*



Fonte: Acervo de pesquisa de XXX, X. X. X. (2023).

Além dos encontros semanais, foram realizadas quatro apresentações da performance *Kilza Setti, a indagaadeira*, sendo: uma na sede da APAE; uma no auditório da escola de música, por ocasião de homenagem à compositora Kilza Setti, presente na plateia; uma em uma escola municipal de educação básica e uma na universidade, por ocasião da realização do evento *Universidade de portas abertas*.

Nessas apresentações os familiares das crianças foram convidados. Ao verem seus pais, mães, avôs e avós presentes, manifestaram satisfação, sorrindo, erguendo os ombros, endireitando os corpos, ocupando lugares bem à vista da plateia. Percebia-se a importância dada pelas crianças de poder e ser capaz de estar ali, protagonizando um papel e ocupando um lugar em cena na presença da família, e do público presente. Mas, vale destacar que são muitos os fatores que atravessam o contexto de vida dessas crianças e que nem todas tiveram a presença dos responsáveis nas apresentações, o que causou reações de descontentamento.

Em face das atividades realizadas foram também aplicadas entrevistas abertas à professora e à coordenadora pedagógica da APAE e às mães, com as quais tomamos contato, e/ou pessoas responsáveis pelas crianças, em datas e horários previamente agendados.

Finalizada a metodologia de intervenção e em andamento com a análise dos dados coletados, apresentamos neste texto resultados parciais, de modo a contribuir com as discussões e reflexões propostas no XIV Encontro Regional Sudeste da ABEM, principalmente em relação à construção de uma sociedade democrática, aqui especificamente sobre o fazer artístico com crianças com deficiência, uma prática humanizadora.

Palavras finais

De acordo com o trabalho realizado, de pesquisa em interface com a extensão, compreendemos que crianças com deficiência são potentes e capazes de interagir, aprender, cantar, recriar histórias, encenar personagens, brincar, dançar, movimentar-se, orientar-se. É importante destacar que todo o trabalho se pautou na potencialidade das crianças e não em suas limitações: crianças com deficiência fazem arte!

Muitas foram as dificuldades e desafios, compreendidos como inerentes a toda atividade humana. Mas, a ideia de limitação (ainda) impera sobre as oportunidades; alguns podem, mas outros não. No nosso entendimento, merecida atenção carece ser dada ao processo de formação de professores.

Vale ressaltar que a pesquisa, de natureza fenomenológica, com análises ideográfica e nomotética (em andamento) dos dados coletados - levantamento, redução e agrupamento das unidades de sentido -, nos permitirá compreender de maneira mais aprofundada as vivências e significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno estudado, bem como as possíveis implicações para a prática educativa.

Trabalhos colaborativos como esses envolvendo diferentes pessoas de diversas instituições de ensino (interinstitucionais), construídos a partir da diversidade humana, implicam inúmeras dificuldades e desafios, mas, sobretudo, mostram-se potentes na promoção de relações democráticas, criativas e transformadoras.

Em consonância com os documentos legais que orientam a educação brasileira e dada a ênfase ao repertório trabalhado (musical e literário), composto principalmente de artistas

brasileiros (preferencialmente aos vivos), projetos como esse testemunham ações que permanecem e permanecerão, justamente por valorizar o humano, a arte, a cultura, a diferença, a diversidade, a interação das diferentes culturas e, sobretudo, pela aposta de que práticas artísticas são potentes no desenvolvimento pessoal e social, especialmente no contexto da inclusão de pessoas com deficiência.

Enfim, com base em uma abordagem colaborativa e dialógica, envolvendo diferentes atores e instituições, pode-se construir e transformar. Esperamos que este texto, relato de nossos conhecimentos e experiências junto à UEMG, e escolas parceiras, como professora extensionista e pesquisadora, possa suscitar novos questionamentos e reflexões acerca das tantas possibilidades de realização de práticas artísticas e musicais com crianças com deficiência, em busca de avanços epistemológicos nas diferentes áreas do conhecimento e a ressignificação do sentido da vida, já que Educação é para TODOS!

Referências

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994. 336 p.

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista brasileira de educação*. v. 13, n. 37, p. 45-56, jan-abr, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2005.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GLAT, Rosana; BLANCO, Leila de Macêdo Varela. Educação especial no contexto de um Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana (Org.). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. 26. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. v. VI, cap. 1, p. 19-39.

GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a Capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. *Motriz*. Rio Claro: v.15, n° 3, p.700-707. jul./set. 2009.

GONÇALVES JUNIOR, L. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, L. (Org.). *Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização*. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008. p.54-108.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934). In: IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (Org.). *Lev Semionovich Vygotsky*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010. p. 11-34.

LIMA, Kilza Setti de Castro. *Entrevista* concedida a XXX. São Paulo, 14 dez. 2022.

MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani.; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha (Orgs.). *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque; SCHÜNEMAN, Aneliese Thönnigs. Música e histórias infantis: o engajamento da criança de 0 a 4 anos nas aulas de música. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 19, n. 26, 21 dez. 2011. Música e Arte, p. 119-131.

XXX. Concurso de piano, prática social em música. In: XXX; ROCHA, Pâmela Silva (Orgs.). *Música contemporânea brasileira: contribuições do YYY*. HHH: Barlavento, 2018, p. 125-142.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989. 110 p.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS/Sulina. 1999. p. 61-93.

OLIVEIRA, Maria Waldenez et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana Rodrigues (Orgs.). *Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

PEDERIVA, Patricia Lima Martins; TRISTÃO, Rosana Maria. Música e cognição. *Ciências e Cognição*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 83-90, 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601/383>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

PINTO, Gláucia Uliana; GÓES, Maria Cecília Rafael. Deficiência mental, imaginação e mediação social: um estudo sobre o brincar. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.12, n.1, p.11-28, jan-abr, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/DvH5CGT7Fr3Mn5nhN9dsN/?format=pdf&lang=pt>.

TATIT, Ana; LOUREIRO, Maristela. *Desafios musicais*. São Paulo: Melhoramentos, 2014, p. 8-9.